O desempenho econômico-financeiro do agribusiness brasileiro não foi dos melhores no ano que passou, comparado aos resultados obtidos pelas empresas dos demais setores econômicos.

É uma má notícia? Não exatamente. O agribusiness brasileiro, de modo geral, teve nos últimos anos sua performance seriamente prejudicada pela crise que ainda atinge a agricultura. E está se recuperando, assim como a fase agrícola do segmento, com as cicatrizes adquiridas ao longo do processo.

Naturalmente, esta é uma afirmação genérica. Assim como existem empresas em sérias dificuldades, há outras que souberam crescer na crise e vão muito bem, obrigado. Confira nas próximas páginas a situação dos negócios e as perspectivas para o futuro.

Desempenho das maiores não foi dos melhores

Patrícia Cruz Gonçalves e Carlos Henrique Tibiriçá Miranda

Em 1997, ano de boa safra, a produção de grãos foi 5,3% superior à de 1996, chegando a 77,5 milhões de toneladas, com destaque para a lavoura da soja e do milho – 26,5 e 34,6 milhões de toneladas, respectivamente.

As exportações do setor de agribusiness em 1997, considerando o complexo agroindustrial, foram de US$19,8 bilhões, 14,5% superiores às de 1996 – cerca de 36% do total das exportações brasileiras. Os produtos alimentares foram responsáveis por 26% das exportações, mais 17% em relação a 1996.

A agroindústria também contou com maior quantidade de recursos; o BNDES lhe destinou cerca de R$3,8 bilhões, 49% a mais que em 1996. Desses recursos, cerca de US$1,3 bilhão foi para o financiamento do setor primário, principalmente para a criação de bovinos e cultura do café. Para as indústrias processadoras foram concedidos US$2 bilhões, destacando-se os aumentos da participação dos fabricantes de cerveja e os abatedores de aves, que ficaram com 25% e 5% dos recursos respectivamente. O segmento de distribuição, no final da cadeia do setor, recebeu US$371 milhões (18,6%), em operações de financiamento direto com os supermercados.

Os recursos do Finame destinados ao financiamento de máquinas agrícolas foram 48% superiores aos de 1996, chegando a US$319 milhões. As condições de financiamento também melhoraram, pois antes da crise asiática o Conselho Monetário Nacional (CMN) havia autorizado uma redução da taxa de juros e um aumento dos prazos de pagamento. As taxas de financiamento, anteriormente na faixa dos 16% ao ano, recuaram para 14,5% ao ano prefixados. Já o prazo de pagamento dos implementos agrícolas foi ampliado de dois para cinco anos, igualando-se ao prazo das máquinas agrícolas.

Em boa companhia

Em sua quinta edição desde o lançamento há quatro anos, o ranking das 100 Maiores Empresas do Agribusiness e o ranking das 50 Maiores Cooperativas Agropecuárias de AGROANALYSIS este ano foi editado em parceria com a revista *Globo Rural*. A iniciativa conjunta das duas revistas atende a um princípio comum entre as duas publicações que é a disseminação de uma informação de qualidade a um público mais amplo e diversificado.

Desempenho das 100 maiores

Os dados agregados sobre o faturamento das 100 maiores empresas do agribusiness, em 1997, mostram que continuou a expansão de vendas verificada nas pesquisas anteriores. Entretanto, o fraco resultado das empresas refletiu um aumento da concorrência e a redução da

Desempenho de setores selecionados, 1997-96

	Número de empresas		Médias por empresa Rec. operacional líquida (R$ mil)		Medianas Margem bruta %		Medianas Rent. do pat. líquido %	
	1997	1996	1997	1996	1997	1996	1997	1996
Açúcar e álcool	5	6	178.775	200.909	0,22	0,17	0,04	0,00
Agropecuária	1	1	350.112	328.809	0,23	0,24	0,08	0,07
Comércio atacadista	7	7	759.140	485.778	0,04	0,06	0,09	0,19
Comércio varejista	9	6	989.893	1.247.311	0,20	0,20	0,07	0,09
Indústria de bebidas	11	11	433.777	478.469	0,35	0,36	0,10	0,09
Indústria de borracha	1	1	735.804	700.553	0,26	0,22	0,27	0,23
Indústria de fumo	2	2	1.122.450	1.133.204	0,35	0,38	0,31	0,31
Indústria de madeira	2	2	250.036	250.494	0,30	0,28	-0,03	-0,05
Indústria de material de transporte	1	0	281.598	-	0,24	-	0,15	-
Indústria de papel, papelão e celulose	12	15	316.538	295.402	0,25	0,27	-0,02	-0,01
Indústria de produtos alimentares	22	23	635.502	592.293	0,22	0,23	0,02	0,08
Indústria de produtos farmacêuticos e veterinários	5	4	461.453	400.845	0,63	0,52	0,29	0,27
Indústria mecânica	1	1	282.572	184.419	0,26	0,07	0,11	-0,07
Indústria química	16	17	375.917	391.720	0,22	0,18	0,05	0,04
Indústria têxtil	5	4	247.465	302.605	0,23	0,21	0,06	0,05

Quadro resumo

	500 maiores R$ milhões	100 maiores		Participação nas 500 maiores		
	1998	1997	1996	1998	1997	1996
Ativo total*	590.644	70.033.215	73.728.656	-5%	12%	12%
Patrimônio líquido*	341.163	33.538.309	38.656.692	-13%	10%	11%
Receita operacional líquida**	260.436	51.622.271	48.860.915	6%	20%	20%
Lucro líquido do exercício*	9.470	1.596.171	2.017.306	-21%	17%	35%
Indicadores (mediana)						
Grau de endividamento	0,87	0,98	0,79			
Liquidez corrente	1,22	1,26	1,19			
Rentabilidade do patrimônio líquido	4,40%	4,87%	4,87%			

*1996: valores corrigidos pelo IGP-DI

**1996: valores corrigidos pelo IGP-DI médio

renda disponível para o consumo. No geral, o resultado agregado mostra queda de lucro e um aumento do grau de endividamento das empresas.

As vendas em 1997 foram de R$51,6 bilhões, indicando um crescimento de 5,7% em relação ao ano anterior, próximo dos 6,6% de crescimento apresentado pelas 500 maiores. Se compararmos com o resultado apresentado pelas 100 maiores em 1994, verificamos que o crescimento acumulado das vendas chega a 11,3%. No entanto, quando se compara a participação da receita das 100 maiores no PIB ao longo destes quatro anos, observa-se uma ligeira redução, de 6,6% em 1994 para 6% em 1997.

Em um ambiente de inflação baixa e elevada concorrência, tem sido grande o esforço para ampliar e mesmo manter a participação no mercado, o que obrigou as empresas a absorverem o aumento de custos, gerando maior pressão sobre a margem bruta. Isto pode ser observado quando se analisa o comportamento das vendas e margem nos últimos quatro anos: mesmo com o crescimento das vendas, a margem bruta das 100 maiores empresas permaneceu no mesmo patamar, oscilando entre 22% e 23%.

O aumento da concorrência tem elevado também as despesas com vendas. Só no ano passado, as despesas com vendas representaram 46% do lucro bruto, cerca de R$5,9 bilhões, um aumento de 12% em relação a 1996 (considerando-se a mesma base de empresas). Somente o setor de produtos alimentares destinou cerca de 58,6% do seu lucro bruto para as despesas de venda, uma verba de R$1,7 bilhão, 23% superior à de 1996. O segmento de comércio varejista e o setor de bebidas também apresentaram uma despesa elevada, R$1,1 bilhão e R$785 milhões, respectivamente 54% e 47% do lucro bruto.

No que se refere à situação financeira das 100 maiores empresas, chama atenção o grau de endividamento. Em 1994 estava em um patamar considerado confortável, de 0,60. No entanto, em 1997, esse endividamento foi para 0,98 contra 0,80 do ano

anterior, ou seja, para cada unidade de capital próprio, 0,98 é de capital de terceiro. O comprometimento do patrimônio líquido com o financiamento bancário também apresentou aumento. Em 1996, 25% do capital próprio estavam comprometidos com os bancos; no entanto, esse comprometimento elevou-se para 34% em 1997

Em função do aumento do endividamento, as 100 maiores tiveram uma despesa financeira de R$1,25 bilhão, um aumento de 12% em relação a 1996, que afetou negativamente o resultado. Os setores que apresentaram as maiores despesas financeiras, foram papel e celulose (R$ 478 milhões), produtos alimentares (R$ 321 milhões) e químicos (R$249 milhões).

As exportações do setor de agribusiness em 1997, considerando o complexo agroindustrial, foram de US$19,8 bilhões, 14,5% superiores às de 1996 – cerca de 36% do total das exportações brasileiras. Os produtos alimentares foram responsáveis por 26% das exportações, mais 17% em relação a 1996.

Em 1997, o lucro líquido registrado pelas 100 maiores foi de R$1,6 bilhão, representando uma queda de 20,9% em relação ao ano anterior, enquanto as 500 maiores apresentaram um aumento de 66%. A queda só não foi maior porque houve uma receita de R$1,33 bilhão de equivalência patrimonial e outras receitas operacionais. A queda do lucro líquido, mais uma vez, foi influenciada basicamente pelo resultado dos setores de celulose e papel, alimentos e química, os únicos setores a apresentarem prejuízo em 1997. A mediana da rentabilidade do patrimônio líquido permaneceu na mesma faixa, 4,87%, não podendo entretanto ser considerada fator positivo, pois refletiu a redução do patrimônio líquido em função dos prejuízos apresentados.

Desempenho setorial

O desempenho das 100 maiores reflete em grande parte o resultado apresentado pelos setores mais representativos da amostra, que são aqueles com o maior número de empresas participantes. Nesse caso, foram os setores de produtos alimentares (22), química (16), papel e celulose (12), bebidas (11) e comércio varejista (9) e atacadista (7), que respondem juntos por 83% da receita total das 100 maiores. Desses setores somente produtos alimentares, papel e celulose e comércio atacadista apresentaram aumento de vendas.

A receita do setor de alimentos foi de R$13,9 bilhões, um aumento de 7% em relação a 1996. Apesar desse aumento, a participação da receita deste setor no resultado agregado das 100 maiores permaneceu em 27%. O aumento das despesas de vendas e administrativas e uma despesa financeira 43% maior que em 1996 causaram um prejuízo de R$199,8 milhões. Tal resultado refletiu o prejuízo apresentado por cinco empresas, destacando-se o resultado apresentado pelo grupo Ceval e a empresa Kraft Lacta. Em função desse fraco desempenho, a rentabilidade do patrimônio líquido do setor representado pela mediana caiu de 8,3% para 2,4%. Os outros indicadores econômico-financeiros permaneceram no mesmo patamar, não apresentando variações significativas. Segundo a Abia, o setor apresentou um crescimento inferior a 1% para o volume físico e uma queda de 3,2% do faturamento real, quando comparado com o ano anterior. O aumento da concorrência, função direta do crescimento da participação dos grupos estrangeiros no mercado e da pressão dos produtos importados, aliado ao quadro econômico que se configurava, de elevação no nível de desemprego e um esgotamento da capacidade de endividamento das famílias foram os fatores condicionantes desse desempenho.

Para o segundo setor mais representativo da amostra, o setor químico, os dados agregados da Abiquim mostram que o volume físico produzido em 1997 foi de 28,9 milhões de toneladas, um aumento de 7,6% em relação ao ano anterior. Os dados do faturamento também mostram um aumento de 5,1% em relação a 1996, chegando as vendas a R$12,9 bilhões. Cerca de 41% desse faturamento foram oriundos dos segmentos de adubos e fertilizantes e defensivos agrícolas, cuja receita de R$5,3 bilhões representou um aumento de 12,8% em relação ao ano anterior.

Em 1997 as vendas de fertilizantes atingiram 13,7 milhões de toneladas, um volume recorde, que representou um crescimento de 12,3% no consumo. Este desempenho colocou o país em quarto lugar no mercado consumidor mundial, atrás somente dos EUA, China e Índia.

Na pesquisa, entretanto, o faturamento do setor químico foi de R$6 bilhões, representando uma redução média de 4%, comparado ao desempenho do setor em 1996. Além da queda do faturamento, aumentaram as despesas de vendas, que representaram 50% do lucro bruto. Em função do elevado grau de endividamento (1,37), a despesa financeira do setor foi de R$249 milhões, um aumento de 115% em relação a 1996. Do total da dívida, cerca de 42% referem-se aos financiamentos bancários, patamar inalterado em relação ao ano anterior. No entanto, comparados ao patrimônio líquido esses recursos mostram um aumento de 21% para 54% (mediana), ou seja, cerca de 54% do capital próprio das empresas do setor estavam comprometidos com as instituições financeiras em 1997. O resultado apresentado pelo setor foi um prejuízo da ordem de R$55 milhões. Das 16 empresas participantes da pesquisa, porém, apenas seis apresentaram prejuízo.

Para o terceiro setor mais representativo da pesquisa, celulose e papel, 1997 foi desfavorável. No primeiro semestre os preços da celulose estavam se recompondo no mercado mundial embora os estoques continuassem em níveis altos. Porém, com a crise asiática ocorreu nova retração da demanda e queda dos preços. Apesar desse quadro, a produção de celulose e papel foi de 12,8 milhões de toneladas, refletindo um aumento de 2,4% para a celulose e 5,2% para o papel.

A receita de vendas das empresas desse setor participantes da pesquisa foi de R$3,8 bilhões, um crescimento médio de 7% em relação a 1996. Esse aumento de vendas, contudo, não foi suficiente para cobrir o aumento de custos do setor (tarifas públicas e mão-de-obra), além do aumento das despesas de vendas e dos elevados encargos financeiros, que consumiram cerca de 53% do lucro bruto. Em função desse quadro, o setor sofreu prejuízo de R$236,7 milhões.

Em 1997, o setor de bebidas apresentou um modesto crescimento. Conforme os dados do Sindicerv, o volume de vendas do segmento de cervejas foi de 81,60 milhões

de hectolitros – um aumento de apenas 1,7%. Já para o segmento de refrigerantes o desempenho foi um pouco melhor: a Abir informou que foram vendidos 105 milhões de hectolitros/ano, 6,8% de crescimento para o período. As indústrias do setor de bebidas tiveram no ano passado aumento da carga tributária. Em outubro, o IPI sobre as embalagens retornáveis e descartáveis teve aumentos de 10% e 25%, respectivamente. Além disso, observou-se acirramento da concorrência no segmento de cervejas, com forte competição via preços, e no segmento de refrigerante uma presença maior das pequenas marcas.

O faturamento total do setor de bebidas na pesquisa foi de R$4,8 bilhões uma queda média de 9% em relação a 1996 – e apenas três empresas da amostra obtiveram aumento de receita. O lucro do setor foi o maior da pesquisa, – R$612 milhões, apesar de ter registrado uma queda de 15% em relação a 1996. Embora o setor tenha apresentado redução de suas despesas operacionais, as despesas financeiras aumentaram de 68%, comprometendo o resultado. O endividamento junto às instituições financeiras aumentou em relação ao ano anterior, e a participação desses recursos na dívida total passou de 26% para 43%, sendo cerca de 60% desse financiamento referentes à dívida de longo prazo. No entanto, o comprometimento do patrimônio líquido com as instituições bancárias é da ordem de 28%. Apesar da queda do lucro, a rentabilidade do patrimônio líquido permaneceu no patamar de 9%.

O setor de comércio varejista apresentou a maior queda de receita da pesquisa em termos médios (-20,6%), com um faturamento de R$8,9 bilhões. O setor é composto basicamente de supermercados. Segundo a Abras, o faturamento desse setor apresentou pequena redução de 0,27% em 1997. O aumento do desemprego, além do aumento do endividamento das famílias, reduziu o poder de compra, que se refletiu em menor volume de vendas para os supermercados. O endividamento do setor é alto, 2,96. Desse endividamento 34% referem-se a financiamentos bancários e 35% a fornecedores. O lucro foi de R$186 milhões, queda de 16% em relação a 1996 e conseqüente queda da rentabilidade do patrimônio líquido de 9% para 7%.

No segmento atacadista a situação foi melhor. O setor apresentou o maior crescimento de vendas da pesquisa, 56,3%, com um faturamento de R$5,3 bilhões. Neste setor estão os grandes atacadistas e exportadores de alimentos, bebidas e fumo. No entanto, a estrutura de custos é pesada, os custos dos produtos agregados representaram 87% das vendas líquidas. A margem bruta, tendo com medida de tendência central a mediana, foi a menor da pesquisa, 4% apenas. Cerca de 78% do lucro bruto foram gastos com despesas de vendas e administrativas. Assim, em função do aumento de gastos e redução das outras receitas não-operacionais, o lucro líquido do setor foi de R$272 milhões, uma redução de 2% em relação a 1996. No entanto, a rentabilidade do patrimônio líquido que era de 18,8% em 1996 caiu para 9,3% em 1997.

As 10 maiores do agribusiness

A Cervejaria Brahma novamente ficou com o título de maior empresa do agribusiness brasileiro. O bom desempenho da empresa em 1997 garantiu pelo terceiro ano consecutivo o primeiro lugar. Os ativos da empresa em 1997 chegaram a R$3,7 bilhões, representando um aumento real de 19%, e suas vendas líquidas de R$1,9 bilhão foram 17% superiores às de 1996. Na verdade as vendas da Brahma representaram 40% da receita do setor de bebidas na amostra das 100 maiores.

A Ceval, a maior processadora de soja da América Latina, ficou em segundo lugar no *ranking* das 100 maiores empresas do agribusiness. No ano passado, a empresa teve seu controle acionário transferido do grupo Hering para o grupo Bunge, passando a concentrar as atividades de processamento de soja do grupo no Mercosul. Com essa reestruturação, houve aumento real de 61% em seus ativos e de 13% em suas vendas, destacando-se como o maior ativo e maior receita do setor de alimentos, respectivamente, R$3,3 e R$2 bilhões.

Em terceiro lugar, subindo duas posições no *ranking*, ficou a Companhia Brasileira de Distribuição, o Grupo Pão de Açúcar. Os ativos da empresa, de R$2,07 bilhões, cresceram 38% em relação a 1996, e suas vendas, mesmo apresentando uma queda de 1,7%, continuaram sendo as maiores do segmento de agribusiness, R$3,1 bilhões.

A Souza Cruz ficou em quarto lugar, perdendo duas posições no *ranking*. Os ativos totais da empresa, R$2,1 bilhões, reduziram-se de 7,8% e as vendas permaneceram, praticamente, no mesmo patamar: R$1,7 bilhão.

Em quinto ficou a Cargill, subindo três posições na classificação. A empresa cresceu 9,3% em seus ativos e 35% nas vendas, sendo a quarta maior receita da pesquisa, R$1,8 bilhão.

As vendas em 1997 foram de R$51,6 bilhões, indicando um crescimento de 5,7% em relação ao ano anterior, próximo dos 6,6% de crescimento apresentado pelas 500 maiores. Se compararmos com o resultado apresentado pelas 100 maiores em 1994, vemos que este aumento chega a 11,3%.

No sexto lugar, a Sadia Concórdia, que apesar de uma redução de 10% em seus ativos totais, permaneceu na mesma posição do *ranking* anterior.

Sétima colocada, a Santista Alimentos perdeu três posições e teve queda de 46% em seus ativos totais. No ano passado, suas atividades de processamento de soja transferiram-se para a Ceval, recém-adquirida pelo grupo Bunge.

A Aracruz, em função do fraco desempenho do seu setor, perdeu mais uma posição, indo para o oitavo lugar. No entanto, ainda permanece como o maior ativo da pesquisa, R$3,9 bilhões.

Este ano, entrou para o time das 10 maiores do agribusiness a empresa química Basf, que subiu quatro posições, com um aumento de 11% de seu ativo e 10% das vendas.

A Companhia Antarctica Paulista permaneceu como 10ª colocada, com um ativo de R$2,3 bilhões e uma receita de R$484 milhões. A empresa apresentou um aumento da ordem de 1,4% do ativo e uma queda de 5,7% de vendas em 1997.

Patrícia Cruz Gonçalves é economista do IBRE/CEE.